

**ROTACISMO: ANÁLISE DO FENÔMENO LINGUÍSTICO
ESTIGMATIZADO E DISCRIMINATÓRIO DA FALA SOB UMA
PERSPECTIVA DIAGNÓSTICA VARIACIONISTA COM
ALUNOS DE ESCOLA MUNICIPAL DE CORUMBÁ-MS**

Jennifer Molinas Prado Soares (UEMS)

molinas.soares@bol.com.br

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

sierra@uems.br

RESUMO

Este artigo teve como objeto de estudo o rotacismo, fenômeno linguístico caracterizado pela troca da fricativa R pela lateral L, e uma análise da origem deste fenômeno fonético tão estigmatizado e discriminado na forma moderna da Língua Portuguesa padrão, mas que participou da formação do idioma, na passagem do latim para o português. Esta análise baseia-se em pesquisa feita com alunos de uma escola da rede municipal de Corumbá-MS que observou a ocorrência do rotacismo na fala dos alunos cuja origem familiar é da zona rural da cidade e com pouca escolarização em comparação com alunos de origem familiar urbana com o mesmo ou maior grau de escolarização. Por meio desta verificação foi possível constatar que há mais ocorrência de rotacismo na fala de alunos que convivem com familiares com menor grau de escolaridade e geralmente de origem rural. Outro importante diagnóstico é que em geral o falante não percebe exatamente a diferença entre a sua pronúncia da palavra “pranta”, por exemplo, e a pronúncia correta “planta”. Um exercício fonético simples desenvolvido com os alunos participantes deste estudo tem mostrado resultados significativos na correção deste desvio da fala. Este trabalho apoia-se em obras de Marcos Bagno e em pontos do texto dos PCNs.

Palavras-chave:

Rotacismo. Exercício fonético. Fenômenos Linguísticos. Preconceito linguístico.

1. Introdução

O fenômeno fonético conhecido como rotacismo, troca da consoante lateral /l/ pela vibrante /r/ é um traço linguístico variável do português brasileiro, podendo ocorrer tanto em contexto de coda silábica (palma – parma), quanto em encontro consonantal (bicicleta – bicireta). Sobre o assunto, Bagno (2007) afirma que:

Hoje, o rotacismo em encontro consonantal é característico das variedades estigmatizadas de todo o Brasil. Já o rotacismo em final de sílaba é ca-

racterístico de algumas regiões onde se fala o chamado “dialeto caipira” (interior de São Paulo e sul de Minas Gerais etc.) (BAGNO, 2007, p. 145)

O rotacismo como mudança fonética, evidenciava-se no latim clássico e na passagem do latim para o português, quando as mudanças passaram a verificar-se nos grupos consonantais em posição inicial [pl], [fl] e [cl], [gl] e [bl] cujo [l] é substituído por [r]. Ex: relação do português padrão com o latim (BAGNO, 2007, p. 73) Brando/ Blandu – Cravo/ Clavu – Dobro/Duplu – Escravo/Sclavu – Fraco/ Flaccu. Estes dados evidenciam que, no latim vulgar, o padrão silábico CCV tinha um /l/ que se converteu em /r/ no português. De modo que o fenômeno considerado “erro” é, na verdade, a continuidade de uma tendência muito antiga no português e em outras línguas de mesma origem que os falantes rurais ou não escolarizados geralmente perpetuam (BAGNO, 2007, p. 73-4). Deste modo, pode afirmar que o rotacismo é um efeito do aspecto cíclico da língua que não é estanque, mas ao contrário, é maleável e fluida, com imbricações de formas antigas e atuais que se encontram e seguem a corrente da língua. Classificar este fenômeno simplesmente como “erro” nesse processo gera o preconceito linguístico, pois “o preconceito se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (BAGNO, 2007, p. 69).

Se o domínio da norma culta fosse, de fato, fator de ascensão na social, os professores de língua portuguesa estariam no topo da pirâmide que demarca as camadas da sociedade no tocante não apenas à capacidade intelectual, mas também estabilidade na posição econômica e política no país, pois ninguém melhor do que os professores poderia ser detentor do domínio da norma culta da língua. Sabe-se, porém, que isto geralmente não é real na dinâmica social.

Tal classificação caracterizaria, portanto, uma expressão geradora de preconceito, pois está associada ao falar das camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, que não têm acesso à escolarização. É uma forma diferente de falar, a qual se difere da que é ensinada na escola e não deve ser vista como requisito para ascensão social, como demonstra (BAGNO, 2003).

2. ***A ocorrência do rotacismo, sua origem e enraizamento na fala dialetal contemporânea e o papel da escola na conscientização acerca dos diversos usos da língua***

Como exposto, o fenômeno do rotacismo tem origem nos registros iniciais da língua portuguesa e continua presente na fala de grupos sociais estigmatizados em incidências linguísticas como: bicireta, pranta, brusa, Cráudio, entre outros. Este é um traço do preconceito linguístico que caracteriza, na realidade, um preconceito social, pois o erro não está no que se fala e sim em quem fala. A forma clássica de rotacismo ocorre no campo fonético e é considerado um vício da linguagem conhecido como metaplasmo – uma alteração da composição fonética da palavra ex.: altura > “artura”; Gláucia > “Gráucia”; flácido > “frácido”; blusa > “brusa”, entre outros. Tais desarticulações são características da linguagem corrente, isto é, são casos que ocorrem na oralidade, mas que devem ser evitados e corrigidos, tanto na fala quanto na escrita por se tratar de um dos desvios linguísticos que mais geram preconceito e discriminação aos falantes. Nesta perspectiva, a escola deve atuar como viabilizadora do ensino para que ele seja acessível às diversas variedades sociais e faça serem reconhecidas as muitas variedades linguísticas que compõem a língua portuguesa. O objetivo não deve ser a supressão desta ou daquela variante em detrimento do uso correto da norma padrão, mas sim fazer o aluno reconhecer que há várias formas de utilizar a língua adequando o uso ao propósito comunicativo, ao tipo de interlocutor e ao ambiente onde ocorre a comunicação. Tal elucidação do conhecimento acerca do fazer linguístico tende a romper com o preconceito e cessar a discriminação que indivíduos ou mesmo camadas sociais sofrem pela roupagem linguística que os difere dos usuários da língua padrão tida como privilegiada. A escola deve, portanto, deve acolher o falante, demonstrar as causas das diferenças e apresentar todas as possibilidades linguísticas disponíveis para cessar a diferença, valorizar os diversos saberes linguísticos e fazer com que o aluno se aproprie de todas as formas linguísticas, dentre elas a norma padrão. Esta abordagem é preconizada pelos PCNs a respeito das falas dialetais:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença [...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala [...]. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se

fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1997, p. 31)

Os PCNs ressaltam a questão de se trabalhar o ensino de língua portuguesa voltado também para a oralidade e não apenas para os aspectos gramaticais, buscando acabar com o preconceito dialetal, mas na real dinâmica escolar continua priorizando o ensino da gramática pura e muitas vezes desconectada do movimento social que dinamiza a língua. Nesse contexto, é válido ressaltar que o professor deve considerar o meio social e os fatores favorecedores do desvio em que seus alunos estão inseridos.

A utilização da língua tem sido vista pela sociedade como uma ação que rotula e categoriza os usuários e que, portanto, os classifica como prestigiados ou desprestigiados no uso da língua portuguesa, principalmente na oralidade.

3. Investigação da causa do rotacismo na fala dos alunos, a constatação do estudo e a aplicação de exercício fonético fonológico que desfaz o fenômeno nos encontros consonantais

Este estudo verifica o papel dos fatores sociais no fenômeno investigado, especialmente os contextos linguísticos favorecedores da variação em encontro consonantal na fala. Para tanto, foram analisadas duas variáveis sociais: influência de origem rural e grau de escolarização. Os resultados revelaram que o fenômeno está presente na fala de alunos que convivem com familiares (pais e avós geralmente) de origem rural e com pouca escolarização. Outro diagnóstico importante é o de que o falante afetado pelo rotacismo não tem uma percepção clara da diferença entre a pronúncia correta e a incorreta dos termos implicados. Além de investigar as causas da existência do fenômeno na fala dos alunos do Ensino Fundamental II, este trabalho visa comprovar a eficácia de um método de correção do desvio baseado na pronúncia alternativa e repetição das palavras implicadas neste fenômeno.

Ao iniciar o processo de escolarização, o aluno traz consigo os saberes já adquiridos em seu meio social de origem, ou seja, da família na qual está inserido desde o seu nascimento. Vários fatores influenciam a enculturação a que este indivíduo está submetido, entre eles o nível intelectual, o grau de escolaridade e a origem familiar.

Ao constatar a ocorrência do rotacismo na fala de cerca de metade dos alunos de uma escola da rede municipal de Corumbá-MS, 60 alunos, dentre eles crianças e adolescentes com idades entre 11 e 16 anos, foram selecionados para integrar o grupo de falantes a ser investigado neste estudo. Este número é a representação da realidade escolar, pois dos 60 alunos que participaram da pesquisa respondendo a questionamentos sobre a origem familiar, 30 têm a fala afetada pelo fenômeno do rotacismo e 30 não têm. Dos 30 alunos cuja fala não é marcada pelo fenômeno, apenas 4 têm avós de origem rural, mas têm pais com grau médio de escolaridade. Já em relação aos 30 alunos com fala afetada pelo rotacismo, 22 têm avós de origem rural e pais com baixo grau de escolaridade. Os 8 alunos que não tem avós de origem rural, têm pais ou parentes próximos que trabalham no meio rural e com baixo grau de escolaridade. Com base nessa investigação inicial, constatou-se que as principais causas da ocorrência do rotacismo na fala destes alunos são a origem rural e o baixo grau de escolaridade da família e do meio social em que estão inseridos.

Após o diagnóstico observado por meio da pesquisa, foi aplicado um exercício fonético/ fonológico de correção do desvio linguístico. O exercício consiste em propor que o falante pronuncie as palavras mais marcadas pelo rotacismo como, por exemplo: pranta, praça, praneta, entre outras, aplicando à pronúncia o acréscimo da vogal /i/ desfazendo o encontro consonantal pl. “pilaca”, “pilanta”, “pilaneta”. O mesmo pode ser feito com outros termos, como: flor ao qual acrescenta-se a vogal /u/ para pronúncia e repetição de “fulor”; assim como para a palavra bicicleta acrescenta-se a vogal /e/ para pronúncia e repetição do termo “biqueleta”. A pronúncia destes termos deve ser repetida várias vezes com o aumento da velocidade até que o falante passe a produzir o som do /l/ em vez de /r/.

O exercício mostrou-se eficaz na correção do desvio linguístico e deve ser aplicado regularmente ao longo de um período que depende do grau de dificuldade apresentado por cada falante. Este é um mecanismo que poder utilizado pelo indivíduo como método de monitoração e auto regulação da fala.

4. Considerações finais

Este estudo evidenciou que por meio da análise sociolinguística que os elementos causadores do fenômeno presente na fala dos alunos investi-

gados são precisamente a combinação da origem rural com a pouca escolarização, o que mostra o papel transformador da escola na sociedade composta pelos mais diversos tipos de pessoas, que devem ter preservados sua cultura e saber próprios, mas que podem e devem conhecer e adquirir a autonomia de utilizar a forma culta de sua língua materna, pois isto é papel da escola.

O rotacismo, como bem demonstra (BAGNO 2007) é um fenômeno muito regular na língua portuguesa e que é comumente chamado de “erro”, mas que pode ser explicado e entendido como uma das diversas variantes existentes na língua portuguesa que não necessariamente vai delimitar ou categorizar a fala do indivíduo de forma permanente.

O aluno deve ser capaz de reconhecer a forma padrão da língua, bem como suas variantes e poder transitar por entre elas de acordo com sua necessidade e propósito linguístico. A utilização da linguagem escrita e principalmente oral não deve motivo de discriminação do falante e sim forma natural e eficiente de interação social.

A autonomia do falante consciente da língua é um dos fatores mais genuínos de liberdade no uso da fala.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2007

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretária de Educação Fundamental, 1997.